

O PROCESSO DE HARMONIA NASAL NA LÍNGUA SHANENAWA-PANO  
(NASAL HARMONY PROCESS IN SHANENAWA-PANO LANGUAGE)

Gláucia Vieira CÂNDIDO (Universidade Estadual de Goiás)

ABSTRACT: *In this paper we present a brief description of Shanenawa vocalic segments. Shanenawa is a native language of Pano family spoken at the State of Acre, Brazil. Moreover, we compare this description with previous analysis done for Katukina (Barros, 1987) and Arara (Cunha, 1993), both of them from the same linguistic family.*

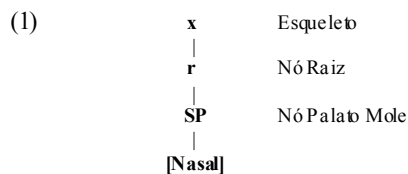
KEYWORDS: *Pano Languages; Shanenawa; Phonology; Nasalization.*

0. Introdução

Estudos sobre a nasalidade ou nasalização em vogais das línguas da família Pano ora sugerem que esse fenômeno é uma característica inerente a tais segmentos, conforme afirmado sobre o Katukina (Barros, 1987) e o Arara (Cunha, 1993), ora é o resultado do contato entre o vogal e uma consoante nasal, como descrito por Loos (1967) no Capanahua. Em concordância com esta última proposta, apresentamos, neste artigo, uma breve descrição da nasalidade vocálica no Shanenawa, outra língua Pano falada no Estado do Acre, Brasil. Na seqüência, também de forma breve, faremos uma comparação entre nossa hipótese e aquelas sugeridas para o Katukina e o Arara.

1. Fundamentação teórica

Para os propósitos de nossa análise, salientamos a introdução na teoria Geometria de Traços, feita por Sagey (1986, apud Piggott, 1992), de um conjunto de nós articuladores que inclui o nó Palato Mole (**SP** = *Soft Palate*). A esse nó, encontra-se subordinado o traço [Nasal], como vemos na representação, abaixo:



Quanto à harmonia nasal, segundo Piggott (1988), as operações de espalhamento de traços estão sujeitas a um conjunto de princípios que determinam, parcialmente, um alvo e de fim em que segmentos podem ser opacos num processo em particular. Para tanto, distinções entre segmentos opacos, transparentes e alvos devem ser consideradas por meio da observação das formas como o traço [Nasal] pode estar organizado nos sistemas fonológicos. Em uma dessas formas, esse traço dependente do nó **SP**, de modo que a harmonia resulta do espalhamento desse nó e não do traço [Nasal]. Por outro lado, o espalhamento é bloqueado por segmentos especificados para o

nó SP e, como apenas os [+consonantal] são subjacentemente especificados para tal nó, a harmonia somente pode ser disparada por consoantes. Os segmentos opacos, por sua vez, também são consoantes. Finalmente, Piggott define dois tipos de parâmetros de projeção do espalhamento: a) em direção à direita e b) em direção à esquerda.

## 2.A harmonia nasal em Shanenawa

Os dados Shanenawa de que dispomos levam-nos a postular que os casos de nasalidade nas vogais dessa língua não seriam inerentes. Ao que parece, tal manifestação da nasalidade advém do contato com uma consoante nasal adjacente que pode estar em posição tautossilábica ou heterossilábica. Nos exemplos, abaixo, vemos casos em que impera esta última condição:

- (2) (a) [a.tu.ɲna] ‘3ª pessoa plural’ V. Cṽ.CVC  
 (b) [ã.ni.hu] ‘velho’ ṽ.c)V.CVC

Há de se ressaltar, todavia, que nem sempre as vogais nessas posições apresentam status de nasal na fala corrente dos Shanenawa. Muitas vezes a nasalidade não passa de uma manifestação fonética condicionada pela presença da consoante nasal em posição de ataque da sílaba subsequente, fato este sustentado pela ocorrência no nível fonético, de alternâncias do tipo:

- (3) (a) [a.tu.ɲna] ~ [a.tu.ɲna] ‘3ª pessoa plural’  
 (b) [ã.ni.hu] ~ [a.ni.hu] ‘velho’

Esse é somente um dos argumentos a favor da hipótese de que no Shanenawa não existem vogais nasais. Vejamos, agora, dados em que provavelmente a nasalidade das vogais resulte do contágio por um segmento consonantal em posição tautossilábica:

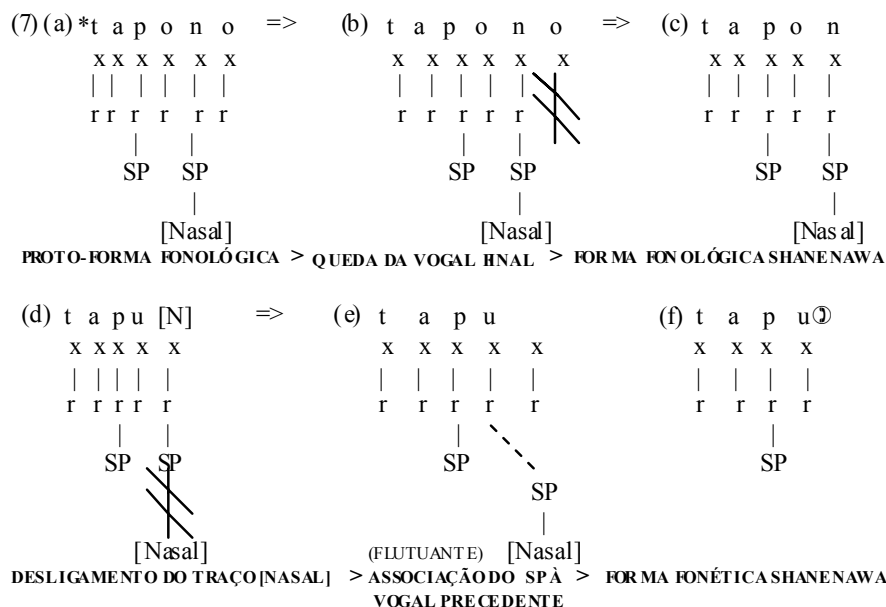
- (4) (a) [ʔa.tu.ɲN.ɲqu] ‘joelho’ CV. Cṽc̃.CVC  
 (b) [u.i.n.ɲti] ‘coração’ ṽṽ)c̃.CVC  
 (c) [i.ɲ.ci] ‘peixe’ VC. Cṽ

Em Cândido (1998), atestamos que um dos segmentos consonantais que ocupam a posição de coda não-final é a nasal não especificada para ponto, já que nesta situação tende a assimilar o ponto da consoante seguinte. Isso é o que vemos em (4:a-b). Estamos postulando que essa consoante é a responsável pela nasalização da vogal ou vogais que a antecedem. Quanto ao dado em (4:c), embora não se dê a realização fonética da soante nasal em final absoluto de palavra, também cremos em sua ocupação da coda, algo que se processa somente na estrutura subjacente. Apontamos dois motivos para isso. O primeiro, diz respeito ao fato de que, em Shanenawa, palavras terminadas por sílaba aberta geralmente têm, no nível fonético, sua posição de coda preenchida pela oclusiva glotal [ʔ]. As exceções ficam justamente por conta das sílabas terminadas em vogais nasalizadas, as quais rigorosamente rejeitam a inserção da glotal na coda,

impedindo seqüências do tipo #Consoante-vogal [Nasal]-~~CV~~#. Já o segundo argumento baseia-se na comparação dos exemplos em (5), abaixo, com suas possíveis proto-formas em (6), conforme dados do Proto-Pano expostos em Shell (1975).

- (5) Shanenawa  
 (a) [ka~~ʔ~~mã] ‘cachorro’  
 (b) [ta~~ʔ~~pu] ‘raiz’
- (6) Proto-Pano  
 (a) \*kama[n]a ‘cachorro’  
 (b) \*tapo[n]o ‘raiz’

Desta comparação, deduzimos a síncope das vogais finais do Proto-Pano em (6). Desprovida de seu núcleo silábico, a consoante nasal que ora ocupava o ataque tende a buscar refúgio na coda antecedente. Contudo, em tal posição, a nasal não é produzida foneticamente e somente seu vestígio pode ser visto sobre as vogais, como sugerem os exemplos em (5). Vejamos na derivação em (7), abaixo, nossa proposta da geometria do nó SP e do traço [Nasal] na evolução das formas (6:b) para (5:b):



Notemos a partir de (7: c), já em Shanenawa, a consoante nasal em posição de coda, não mais especificada para ponto, permanecendo, entretanto, no nível subjacente. Em (7:d) o traço [Nasal] é desligado dessa posição e em (7:e), juntamente com o nó SP, espalha-se para a vogal antecedente e, somente para ela, já que o próximo segmento

é uma consoante já especificada para o nó SP, portanto, é um segmento opaco ao processo de harmonia nasal. Em (7: f), finalmente, temos a forma fonética para o Shanenawa, em que se verifica a nasalidade apenas sobre as vogais.

Quanto à direção tomada pelo traço [Nasal] no processo de espalhamento e como já pudemos perceber, o auto-segmento flutuante somente liga-se à posição mais à esquerda disponível. Já no que tange ao domínio do espalhamento do traço [Nasal], apenas vogais e aproximantes em posições nucleares são atingidas pelo elemento disparador. Em todos os casos apresentados, porém, somente as vogais imediatamente antecedentes à consoante nasal são alvos, ou seja, aquelas que figuram entre o elemento disparador e um segmento obstruinte já especificado para o traço [Nasal]. Caso contrário, o espalhamento não ocorre, conforme reafirmam os exemplos, abaixo:

- (8) (a) [p̃s̃ mĩ] ‘tingui’  
 (b) [fũ nĩ] ‘cílio’

Comparando os dados (8), acima, com aqueles em (2), em que vogais são nasalizadas porque antecedem sílabas cujo ataque é uma nasal, observamos a opacidade das obstruintes contínuas que em (8) figuram na posição de coda não-final, interpondo-se entre a nasal e a vogal antecedente. Esses segmentos contínuos bloqueiam completamente o espalhamento da nasalidade inibindo o processo de harmonia nasal.

Em suma, com base na descrição do comportamento dos segmentos vocálicos em Shanenawa, podemos dizer que o processo de nasalização opera do seguinte modo:

- (9) **Nasalidade em segmentos vocálicos**  
 Espalhar: [+ nasal] dominado pelo nó SP  
 Gatilho: [+ soante]  
 Domínio: segmentos vocálicos ou aproximantes projetados à esquerda

### 3. A nasalidade em vogais das línguas Katukina e Arara

Como salientamos na introdução deste artigo, as descrições sobre a nasalidade nas línguas Pano não se apresentam homogêneas. Loos (1967), por exemplo, defende uma hipótese semelhante acerca do Capanahua àquela que descrevemos para o Shanenawa. Por outro lado, alguns estudiosos atestam a existência de vogais nasais em línguas como o Katukina, segundo Barros (1987), e o Arara, de acordo com Cunha (1993). Vejamos de forma resumida as propostas dessas duas últimas autoras.

Para Barros (1993), um argumento a favor da distinção entre fonemas vocálicos orais e nasais se deve à existência de ditongos nasais em oposição aos orais, conforme exemplos abaixo:

- (10) (a) /yã/ [kũã] ‘braço’ (b) /ya/ [yãka] ‘nome próprio’  
 /ãy/ [tsoỹtsãỹ] ‘reto’ /ay/ [maỹte] ‘chapéu’

O que nos chama atenção nos dados, acima, é que em (10:a), ao contrário de (10:b), os ditongos ocorrem apenas em posição final das palavras. Considerando ainda que esses dados não terminam em oclusiva glotal, em oposição àquelas em (10:b), nos parece problemática a afirmação de que a nasalidade seja inerente aos ditongos em Katukina. A final, as particularidades que assinalamos nos referidos exemplos, nos permitem recorrer à comparação da forma [kuɔ̃ã] ‘braço’ à sua correspondente \**poyam* do Proto-Pano (Shell, 1975), em que percebemos a articulação de uma consoante nasal em posição de ataque da sílaba seguinte àquela em que ocorre o ditongo. Portanto, aplicadas regras semelhantes às demonstradas em (7), concluímos que em Katukina a nasalidade dos ditongos vocálicos apresenta-se tão condicionada pela presença da consoante nasal subjacente quanto em Shanenawa.

Cunha (1993), por sua vez, utiliza-se da distribuição de fonemas na sílaba Arara para dar conta da distinção entre segmentos vocálicos nasais e nasalizados. Para essa autora, uma vogal é nasal se ocorrer em um ambiente não propício à nasalização, como sugere através dos dados:

- (11) (a) [ãɔ̃da] ‘língua’                      (b) [ɔ̃awɔ̃ã] ‘arara’  
           [viɔ̃ɔ̃bi] ‘futa’                                      [kiɔ̃tiɔ̃] ‘panela’

Apesar dos argumentos de Cunha, estamos conjecturando que os dados em (11:b) estão sujeitos à mesma interpretação dada para aqueles em (10:a) do Katukina, ou seja, segmentos vocálicos nasalizados em posição final de palavra resultam do contato com uma consoante nasal subjacente em posição de coda ou ataque da sílaba seguinte. Quanto aos dados em (11:a), em princípio, poderíamos concordar que, a despeito do ambiente não favorável à nasalização, as vogais recebem o traço [Nasal] o que as torna nasais. Contudo, questionamos se de fato tais ambientes são desfavoráveis à nasalização. A final, se compararmos os dados em (11:a) com seus correspondentes em Shanenawa e no Proto-Pano, podemos deduzir um ambiente propício à nasalidade, sustentado pelo fato de as oclusivas alveolar /d/ e bilabial /b/ em Arara e em grande parte das outras línguas se realizarem como suas contrapartes nasais /n/ e /m/, respectivamente, conforme, abaixo:

- (12) Arara                      Shanenawa                      Proto-Pano  
       [ãɔ̃da]                      [ãɔ̃na]                      \*ana                      ‘língua’  
       [viɔ̃ɔ̃bi]                      [fiɔ̃ni]                      \*Bimi  
       ‘futa’

Com isso, embora não vejamos motivos para esperarmos que em todas as línguas de uma mesma família os processos fonológicos bem como os inventários de fonemas sejam idênticos, como resultado de nossa rápida comparação entre as propostas de Barros (1988) e Cunha (1993), concluímos que tanto nestas línguas quanto no Shanenawa, a nasalidade vocálica é condicionada pelo espalhamento do nó SP e do traço [Nasal].

#### 4. Conclusão

Atendendo ao objetivo principal deste artigo, descrevemos a nasalidade nas vogais da língua Shanenawa (Pano). Para isso, consideramos a proposta de Piggott (1988) de que a nasalização vocálica deve-se ao processo de espalhamento do nó SP (Palato Mole), do qual depende o traço [Nasal]. Este, por sua vez, é especificado para um segmento flutuante que, por ocasião do processo de espalhamento, ancora-se em um dos constituintes da sílaba: a coda ou o ataque. Essa hipótese foi, ainda, comparada com aquelas propostas para as também línguas Pano Katukina e Arara. As conclusões a que chegamos dão conta de que assim como no Shanenawa, provavelmente a nasalidade nessas duas línguas não seja inerente aos segmentos vocálicos.

RESUMO: Neste artigo, apresentamos uma breve descrição da nasalidade em segmentos vocálicos do Shanenawa, uma língua indígena da família Pano, falada no Estado do Acre, Brasil. Além disso, comparamos a referida descrição com outras propostas de análise feitas para o Katukina (Barros, 1987) e o Arara (Cunha, 1993), pertencentes à mesma familiar lingüística.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas Pano; Shanenawa; Fonologia; Nasalidade e Vocálica

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, L. *A nasalização vocálica e fonologia introdutória à língua Katukina (Pano)*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1987.
- CÂNDIDO, G. V. *Aspectos fonológicos da língua Shanenawá (Pano)*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1998.
- CLEMENTS G. & HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (ed.). *The handbook of phonological theory*. London: Basil Blackwell, p. 245-306. 1995.
- CUNHA, C. M. *A morfossintaxe da língua Arara (Pano) do Acre*. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 1993.
- LOOS, E. E. *The phonology of Capanahua and its grammatical basis*. Tesis para optar el grado de Ph. D. Especialidad en Lingüística. Austin: University of Texas at Austin, 1967.
- PIGGOTT, G. The parameters of nasalization. In: MCGILL. *Working papers in linguistics*, v. 5, n.2, p. 128-77. 1988.
- \_\_\_\_\_. *Variability in feature dependency: the case of nasality. Natural language and linguistic theory*, v. 10, p. 33-77. 1992.
- SHELL, O. A. *Estudios Panos III: Las lenguas Pano y su reconstrucción*. Lima: ILV SLP, n. 12. 1975.